

CAPÍTULO I

Prólogo

Uma das raras coisas, talvez a única, de que estava bem certo, era esta: chamava-me Mattia Pascal. E tirei partido disto. Sempre que alguém manifestamente perdia o senso comum, ao ponto de vir procurar-me para um conselho, encolhia os ombros, semicerrava os olhos e respondia-lhe:

- Chamo-me Mattia Pascal.
- Obrigado, meu amigo. Isso sei eu.
- E parece-te pouco?

Não era grande coisa, verdade se diga, mesmo na minha opinião. Mas eu ignorava de momento o que significava o facto de nem sequer isto saber; quer dizer, de não mais poder responder, como antes:

- Chamo-me Mattia Pascal.

Facilmente se encontrará quem me lamente (isso custa tão pouco) imaginando a atroz tragédia de um infeliz ao qual acontece, em certo momento, descobrir que não tem pai, nem mãe. Poderia então indignar-se (isso custa ainda menos) da corrupção dos costumes e dos vícios, e da tristeza dos tempos que podem ocasionar tantos males a um pobre inocente.

Pois bem! não é disso que se trata. Poderia expor aqui, com efeito, numa árvore genealógica, a origem e a descendência da minha família e demonstrar que conhecia não só meu pai e minha mãe, como até os meus antepassados. Aqui está: o meu caso é estranho e diferente no mais alto grau; tanto que vou contá-lo.

Fui, durante cerca de dois anos, caçador de ratazanas ou vigilante, não estou já bem certo, na biblioteca que um certo Monsenhor Boc-

camazza, em 1803, legou em testamento à nossa comuna. Evidentemente que este monsenhor devia conhecer pessimamente o espírito e atitudes dos seus concidadãos, ou talvez esperasse que o seu legado, com o tempo e o valor das coisas, despertaria na sua alma o amor do estudo. Até hoje, posso testemunhá-lo, nada despertou, e digo-o em louvor dos mencionados concidadãos.

Aquela dádiva fez surgir tão pouco reconhecimento para com Boccamazza que a comuna foi até ao ponto de recusar erigir-lhe um modesto busto e, quanto aos livros, deixou-os anos e anos amontoados num armazém vasto e húmido, de onde em seguida os tirou — pode imaginar-se em que estado! — para os alojar na pequena igreja solitária de Santa Maria Liberal, desafecta não sei por que motivo. Sem discernimento algum ali os confiou, a título de benefício e como sinecura, a qualquer vadio bem protegido que, por duas liras diárias, dominaria o desgosto de suportar durante algumas horas o seu odor a bafio e a velharia.

Tal foi a sorte que, por meu turno, me coube e, desde o primeiro dia, concebi tão mesquinha estima pelos livros impressos ou manuscritos (como alguns muito antigos da nossa biblioteca) que, nunca, pela palavra nunca, depois disso, me teria posto a escrever se, como disse já, não considerasse o meu caso verdadeiramente estranho e bem capaz de servir de ensinamento a qualquer leitor curioso que, por acaso, realizando enfim a boa esperança daquela boa alma do Senhor Boccamazza, ponha os pés na biblioteca, à qual lego o presente manuscrito, com o encargo, no entanto, de não o deixar abrir por ninguém antes de passarem cinquenta anos depois da minha *terceira, última e definitiva* morte.

Pois que por agora (e Deus sabe quanto isto para mim significa!) estou morto, sim, já por duas vezes, mas da primeira por engano, e da segunda... ides ver.

CAPÍTULO II

Segundo Prólogo (Filosófico) à Maneira de Desculpa

A ideia, ou antes, o conselho para escrever veio-me do meu Reverendo amigo Dom Elígio Pellegrinoto, que tem presentemente à sua guarda os livros de Boccamazza e ao qual confiarei este manuscrito, mal o termine, se acaso o terminar.

Escrevo-o aqui, na pequena igreja desafecta ao culto, à luz do lampião que cai da abóbada, aqui, na abside reservada ao bibliotecário e cercada de um varandim de madeira com colunas, enquanto Dom Elígio se curva ao peso do fardo de pôr um pouco de ordem nesta autêntica babilónia de livros. Tenho grande receio de que ele nunca chegue a desempenhar-se da tarefa.

Muitos livros raros e curiosos foram daquela maneira pescados das prateleiras da estante por Dom Elígio Pellegrinoto, alcandorado durante o dia inteiro numa escada de lampianista. De cada vez que acha um, atira-o lá de cima, com toda a elegância, para a grande mesa que se encontra a meio da quadra; em toda a pequena igreja o estrondo ressoa; levanta-se uma nuvem de poeira, da qual duas ou três aranhas fogem apavoradas; eu, saltando a balaustrada, acorro do lado da abside; começo por dar caça às aranhas servindo-me do próprio livro, e principio a folheá-lo.

Assim, pouco a pouco, tomei gosto a tal leitura. Dom Elígio está-me agora dizendo que o meu livro devia ser escrito tomando por modelo um dos que ele desencanta na biblioteca.

A transpirar, coberto de poeira, desce o meu reverendo amigo da escada e vem tomar um pouco de ar fresco ao jardinzito que teve arte de improvisar aqui, por detrás da abside, protegido em redor por paliçadas e grades.

E agora, tendo em consideração a estranheza do meu caso, falarei de mim, mas com a maior brevidade possível, isto é, limitando-me a dar as informações que considerar indispensáveis.

Não serão algumas delas, por certo, muito honrosas; certo é, no entanto, que me encontro agora em tão excepcional condição que posso considerar-me como estando já fora da vida e portanto sem obrigações ou escrúpulos, seja de que espécie forem.

Começemos.

CAPÍTULO III

A Casa e a Toupeira

Apressei-me em demasia no começo ao dizer que conhecera meu pai. Não o conheci. Tinha quatro anos e meio quando ele morreu. Tendo ido à Córsega, de chalupa, numa das suas viagens de negócio, morreu, com uma perniciosa, aos trinta e oito anos. Deixava, contudo, em boa situação a mulher e os seus dois filhos: Mattia (que devia ser eu, que fui eu) e Roberto, dois anos mais velho.

Até estes últimos tempos vivia, bastante perto daqui, na praia deserta, um pescador de idade avançada, que na sua mocidade fora tripulante da galeota de meu pai. Não nascera na região e ninguém jamais soube de onde era natural: usava um engraçado apelido, outrora dado aos marinheiros de Abrúzio e de Otranto: Giaracanná. Possuía um pequeno batel, de nassas e redes. Há mais de trinta anos pescava ele neste recanto de solitária praia onde, com alguns rochedos, construía uma espécie de choupana, na qual se recolhia à noite para dormir — tal como um bicho, feliz, sem amores, sem preocupações, sem temores. Nos dias de vento e mar encapelado, ficava sentado, frente à choupana, com os pés descalços, enterrados na areia, apoiando os cotovelos nos joelhos e de cabeça entre as mãos; olhava as ondas com os olhos esverdeados, injectados de sangue, e fumava o seu cachimbo.

Num dia assim me dirigi a ele para falar do meu pai. Só à custa de múltiplos esforços me consegui fazer ouvir. Homem feliz que, além do mais, era surdo!

Vejo-o ainda diante de mim, com a velha camisa coberta de remendos, e uma espécie de chapéu informe e sem cor, por completo adaptado à cabeça que o usava; a altaneira cabeça, onde sobressaía o